



REPRESENTAÇÕES DA FILOSOFIA DELEUZE- GUATTARIANA NO ROMANCE NELIDIANO

Roniê Rodrigues da Silva - UERNⁱ

Maria do Socorro Souza Silva - UERNⁱⁱ

RESUMO:

Este artigo objetiva analisar a representação identitária das personagens protagonistas do romance *Vozes do Deserto*, da escritora contemporânea Nélide Piñon, num contraponto com algumas noções da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, sobretudo aquelas relativas à imagem da raiz e do rizoma, como desenvolvidas na obra *Mil Platôs*. Nossa problematização visa compreender como se desenrola o embate entre a figura da Scherezade e a do Califa, ao longo da narrativa, apontando para o entendimento de que a personagem feminina, tanto na sua vida social como na função de contadora de histórias, assume uma subjetivação rizomática. Por outro lado, o sujeito masculino é figurativizado numa posição contrária, em que sua subjetividade está relacionada à conjectura da árvore-raiz, ao organismo estatal, tendo em vista sua conduta fixada e quase inalterável, sendo reconhecido pelo leitor como uma figura despotencializada.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Filosofia; Identidade; Raiz; Rizoma.

DELEUZE-GUATTARIAN PHILOSOPHY REPRESENTATIONS IN NELIDIAN NOVEL

ABSTRACT:

This article aims to analyze the identity representation of the protagonist characters in the novel *Vozes do Deserto*, by contemporary writer Nélide Piñon, in counterpoint with some notions of Gilles Deleuze and Félix Guattari's philosophy, especially those related to the root and rhizome image, as developed in the literary work: *Mil Platôs*. Our problematization attempts to understand how the clash between the figure of Scherezade and Caliph develops throughout the narrative, pointing to understanding that the female character, both in her social life and in the role of storyteller, assumes a subjectivation rhizomatic. On the other hand, the male subject is

figurative in a contrary position, in which his subjectivity is related to the root-tree's conjecture, the state organism, in view of his fixed and almost unchanging conduct, being recognized by the reader as a depotentialized figure.

KEYWORDS: Literature; Philosophy; Identity; Root; Rhizome.

INTRODUÇÃO

Vozes do Deserto é uma espécie de (re)encenação da famosa história árabe, *O livro das Mil e uma noites*, a qual povoa o imaginário do oriente e do ocidente, desde seus primeiros registros no século XV. Assim, além das inúmeras traduções desse texto, adaptação filmica, etc., a escritora brasileira Nélida Piñon apresenta sua versão da história clássica, recriando personagens e enredos. O romance é organizado em 36 capítulos numerados, mas não nomeados. A narrativa é construída, como dissemos, em torno de uma personagem originária da literatura universal, conhecida pela arte de lidar com as palavras e de encantar aqueles que a escutam. Oriunda da saga oriental, Scherezade emerge para a narrativa de Piñon como uma protagonista insubordinada, que resolve desafiar o poder institucional representado pelo Califa de Bagdá, a fim de suspender um decreto de morte que pesa sobre as donzelas do reino. A história tem início com a personagem principal tentando convencer seu pai, o Vizir, de ser ela a única capaz de pôr fim ao decreto de morte estabelecido no califado. Conhecedor do poder e da tirania exercidos pelo monarca de Bagdá, o Vizir opõe-se à decisão da filha, porém, ela destitui-se da sua condição favorável de princesa para casar-se com o Califa, no intuito de livrar as jovens da morte pré-determinada.

Alfredo Bosi, nas notas transcritas nas orelhas do romance *Vozes do Deserto*, sinaliza para o leitor da narrativa nelidiana um suposto objetivo da escritora: desvelar a identidade de uma personagem bastante conhecida da literatura universal, mas que na sua intimidade ainda apareceria como um mistério para os leitores. Segundo o crítico:

Nélida vê por dentro, com empatia a um só tempo forte e delicada, a mulher de quem a fabulosa criação oriental nos dera apenas o vulto escondido entre dobras do véu muçulmano. Agora sabemos quem é Scherezade, pois Nélida nos revelou a sua natureza profunda: é a força mágica da voz narrativa que enfrenta, a cada lance, a opressão e a morte. (BOSI *apud* PIÑON, 2004)¹.

¹ Em notas de orelha do romance *Vozes do Deserto* (2004)

O estudioso assinala que *O livro das Mil e uma noites* nos fornece apenas um “vulto” da Scherezade, como se o texto clássico não mostrasse totalmente quem ela é, qual a sua real identificação, sua verdadeira natureza. Amparados nas pistas dadas por Bosi, passemos a problematizar a subjetivação da contadora de histórias, redesenhada por Piñon, considerando a relação da literatura com a filosofia, em específico com algumas noções deleuze-guattarianas, sobretudo aquela relacionada à imagem do rizoma, como discutido no primeiro volume do *Mil Platôs*.

A ideia de rizoma, seguindo os princípios da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, é pensada a partir de uma relação com a botânica e designa uma formação na qual não se pode identificar um ponto central, seu início ou fim, possuindo, ao contrário, muitas disjunções: “o rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 22). Desse modo, entendemos que o rizoma se caracteriza principalmente pela multiplicidade de suas extensões, por uma estrutura labiríntica na qual não se pode determinar um centro, uma única saída, mas diversas possibilidades de agenciamentos. Procurando designar mais claramente a ideia de rizoma, os filósofos franceses supracitados estabelecem alguns princípios através dos quais procuram caracterizá-lo. O primeiro e o segundo princípios são os de conexão e heterogeneidade, por meio do qual afirmam que “qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore e da raiz que fixam um ponto, uma ordem”. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 15). Nesse sentido, os agenciamentos dentro de uma estrutura rizomática se dão em qualquer ponto, por meio de várias conexões, tornando-o uma constituição múltipla.

Scherezade: uma subjetivação rizomática

Pensando a ideia de rizoma a partir dos princípios da conexão e heterogeneidade, objetivamos propor, nesse ponto do nosso trabalho, uma associação com a conjectura da identidade da personagem Scherezade. Tal relação pode ser observada devido ao fato de a protagonista nelidiana constituir sua subjetivação, ao longo da narrativa, estabelecendo

rupturas com o sistema dominante, investindo em agenciamentos com possibilidades de conexões diversas, a partir das quais torna-se um sujeito desdobrável, não fixado. Com o intuito de apresentar uma relação de proximidade entre alguns dos princípios do rizoma e a subjetivação da Scherezade, iniciamos por uma análise de sua conduta na fase da infância, quando ela já aparece representada na narrativa transgredindo os estereótipos por meio dos quais a mulher árabe é normalmente retratada. Posteriormente, observaremos como determinados aspectos de insubordinação se prologam na fase adulta e como influenciam na sua função de contadora de histórias.

Desde a idade infante a protagonista do romance nelidiano apresenta um comportamento diferenciado das demais crianças. Essa diferença teria sido notada pela própria mãe, a qual no leito de morte solicita que o marido leve em consideração, no tratamento dado pelo pai a cada uma das filhas, a natureza misteriosa que compõe a personalidade de Scherezade:

E prosseguindo com as solicitações finais, a moribunda pediu que o marido levasse em consideração a habilidade e o temperamento de cada filha. Dinazarda, por exemplo, sua primogênita, sucederia ao pai em suas funções de Vizir, caso houvesse nascido homem. Ao falar de Scherezade, a voz, que quase se apagara, revigorou-se, advertindo-o quanto ao brilho da mirada de Scherezade, que, desde o nascimento, ensinava mistérios. Não erraria em profetizar que a memória desta filha retinha o saber do mundo, merecendo que lhe franqueassem as portas da erudição. E de que outro modo o marido cumpriria os desígnios de Alah? (PIÑON, 2004, p. 109)

O trecho citado nos mostra como, ainda jovem, Scherezade já apresentava características singulares, as quais foram, sutilmente, notadas pela mãe. Consoante aparece relatado em sua fala, a menina 'enseja mistérios', ou seja, haviam naquela criança aspectos ainda ocultos que precisavam ser descortinados ao longo da sua existência. Por isso a mãe, sabendo que não viveria o suficiente para acompanhar o desenrolar das virtudes das filhas, sobretudo da mais nova, encarrega o pai das meninas de propiciar a elas uma vida na qual possam ter acesso ao saber erudito, até então completamente negado à figura feminina no contexto do mundo árabe. Esse saber será fundamental, no desenrolar da trama, para que a personagem possa compor as suas histórias. Entretanto, é preciso notar que a arte de fabular não aparecerá para Scherezade como resultado apenas da educação que receberá dos

grandes mestres de sua época, mas sobretudo de uma associação com um conhecimento popular que ela adquire em contato com o povo.

A constituição identitária da personagem nos lembra a discussão de Norbert Elias em "A sociedade dos indivíduos", quando o estudioso destaca que numa sociedade cada indivíduo é singular, as particularidades de cada ser são resultantes de uma cadeia de relações estabelecidas com os outros. Nessa teia de relações, cada sujeito é interdependente do outro, e disso não podemos fugir, pois é justamente esse emaranhado que torna possível a efetivação de sociedades distintas. Na narrativa em estudo, a contadora de histórias estabelece relações com culturas diferentes, uma de ordem mais subalterna, andarilha, popular, que aparece representada pelo povo e pelos nômades do deserto; outra mais preponderante, fixada e ditatorial figurativizada pelas instituições. O contato com esses diferentes universos acaba tornando-a um ser excêntrico. Para Elias (1994), o convívio social, a rede de relações, são cruciais para a nossa constituição enquanto seres humanos desenvolvidos, ele destaca que:

Somente com base nesse diálogo instintivo contínuo com outras pessoas é que os impulsos elementares e informes da criança pequena tomam uma direção mais definida, assumem uma estrutura mais clara. Somente com base nesse diálogo instintivo é que se desenvolve na criança o complexo autocontrole psíquico mediante o qual os seres humanos diferem de todas as outras criaturas: um caráter mais ou menos individual. Para se tornar psicologicamente adulto, o indivíduo humano, a criança, não pode prescindir da relação com seres mais velhos e mais poderosos. Sem a assimilação de modelos sociais previamente formados, de partes e produtos desses seres mais poderosos, e sem a moldagem de suas funções psíquicas que eles acarretam, a criança continua a ser, para repisar esse ponto, pouco mais que um animal. E, justamente porque a criança desamparada precisa da modelagem social para se transformar num ser mais individualizado e complexo, a individualidade do adulto só pode ser entendida em termos das relações que lhe são outorgadas pelo destino e apenas em conexão com a estrutura da sociedade em que ele cresce. (ELIAS, 1994, p. 26)

Vendo por essa ótica, quanto mais vastas forem as relações que mantemos com o meio em que vivemos, maiores são as possibilidades de desenvolvermos uma condição humana plural e, por conseguinte, diferirmos de uma identificação una, limitada, fixada. Durante este processo, iniciado ainda na idade infante, nós humanos precisamos de uma matriz a ser seguida, ao nos espelharmos nos modelos socialmente dispostos, estaremos

construindo a nossa própria singularidade, ou seja, uma identidade individual que parte inicialmente da coletividade. Tal aspecto dialoga com a constituição da identificação da personagem Scherezade principalmente por ela estar interligada com diversas cadeias sociais: a família; uma série de sujeitos mais respeitados que circulam pela corte do califado; os mestres com quem aprende o conhecimento erudito; indivíduos que transitam pela geografia do deserto e do mercado de Bagdá, mas sobretudo com aqueles que advém do mundo da imaginação conhecido inicialmente através da ama Fátima. O fato dela vincular-se a mundos diferentes possibilita-lhe constituir uma subjetivação mais subversiva, quando comparada, por exemplo, a sua irmã. Isso tornou-a mais propensa à transgressão, ilustrada, dentre outras passagens, quando, por diversas vezes posterga os limites espaciais instituídos para o sujeito mulher, como exemplificado na cena em que vai secretamente ao mercado de Bagdá, conforme assinala o texto literário:

Scherezade já não podia mais esperar. Chegara a hora de romper as amarras, de visitar o mercado. Também Fátima já não tinha como prorrogar esta decisão. Assim, antes de se dirigirem ao centro de Bagdá, ela cuidou de impedir que o Vizir descobrisse o grave delito. Para apagar em Scherezade as marcas da procedência nobre, a fez passar por um rapaz imberbe, de compleição delicada. Operando nela tal transfiguração que Scherezade, confrontada com um disfarce a realçar-lhe a ambiguidade, já não sabia, ao final, quem era, a que nome atender. Um dilema que, se a perturbava, fazia a ama rir. Orgulhosa de um trabalho que opunha ao corpo original da adolescente e disfarçava-lhe o sexo, Fátima mostrou-lhe com exemplos concretos as vantagens de ser menina e menino ao mesmo tempo. Dessa forma, respondendo ao duplo estado com uma sabedoria que iria lhe faltar no futuro, caso ficasse unicamente ancorada no corpo feminino. (PIÑON, 2004, p.153).

O trecho assinalado é bem pertinente para a discussão que desejamos desenvolver pois, ao ilustrar a primeira ida de Scherezade ao mercado, revela-nos que, desde muito jovem, a menina transgrediu algumas regras estabelecidas pela figura do pai e pela própria ordem social. No caso dessa passagem, ela precisa ocultar dele a ida ao mercado pois, pela ótica sócio-política do local, uma princesa não poderia visitar a Medina, principalmente desacompanhada de um homem. Mesmo assim, a jovem não hesita e sai à procura de uma fortuna inexistente no palácio do Vizir, a qual se constitui pela sabedoria do povo mais humilde de Bagdá. A partir dessas transgressões, Scherezade vai despreendendo-se de uma

ordem social preestabelecida que determina que os filhos devem obediência incondicional aos pais, devendo nunca questionar as regras que são designadas para o bem-estar da família. Sem pensar muito nas consequências, a jovem segue sua vocação para a aventura e dá sequência as visitas ao mercado, mesmo sem o consentimento do pai. Também podemos interpretar esses passeios/fugas como um intercambio sociocultural em que a personagem amplia as relações, até então, restritas às vivências familiares, à companhia da ama e aos mestres responsáveis pela sua instrução.

E é nesse processo que a protagonista vai estabelecendo conexões com o exterior, saindo de um ambiente e de uma vivência restritos para conhecer o ilimitado mundo do fora, desterritorializando-se do espaço da casa, possibilitando a ela própria o contato com novas experiências. Corroborando com essa ideia, e associando a vivência da personagem a uma imagem rizomática, recorremos a Deleuze e Guattari quando enfatizam que: “[...]. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas também compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. [...]” (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 25). Na perspectiva das linhas de segmentaridade, o personagem do Vizir, enquanto sujeito responsável pela família e um representante do poder instituído, preza pela obediência às regras. Numa ótica deleuze-guattariana, ele também é um representante da estratificação, de um sistema que busca cercear a liberdade do sujeito. Contrariando a expectativa paterna, Scherezade, com a astúcia de criança, adquire meios para fugir, burlar as linhas de segmentaridade que a aprisionam, criando linhas de fuga que possibilitam a ela escapar de uma resignação imposta pela instituição familiar, e por isso é vista nessa acepção como uma menina/mulher com traços de uma subjetivação rizomática.

Scherezade vai, dia após dia, estabelecendo associações entre o conhecimento erudito, que lhe chega pela educação que recebe dos mestres, e os saberes oriundos do povo que circula no mercado. Assim, sua identificação constrói-se como um mosaico em que há fragmentos de diferentes origens. Ela pode ser compreendida como uma personagem de identidade heterogênea, mantendo uma relação de proximidade com o primeiro princípio do rizoma, de *conexão e heterogeneidade*. Desde cedo a personagem vai agregando à sua conjectura diferentes aspectos, conforme estamos assinalando, os quais lhe servirão mais adiante quando vir a tornar-se a grande contadora de histórias.

Na última passagem supracitada do romance chama a atenção ainda a façanha da jovem disfarçar-se de menino para ir ao mercado e não ser reconhecida: 'Dessa forma, respondendo ao duplo estado com uma sabedoria que iria lhe faltar no futuro, caso ficasse unicamente ancorada no corpo feminino'. (PIÑON, 2004, p.153). Ou seja, as peripécias da jovem eram meios pelos quais ela ia acumulando experiências distintas, formulando uma subjetivação heterogênea. Se porventura ela decidisse permanecer fixada apenas na identificação feminina, certamente as práticas vivenciadas no corpo masculino fariam falta na fase adulta, sobretudo na sua condição de contadora de histórias, as quais são oriundas de fontes diversas, ratificando um nomadismo do pensamento que pode ser apontado como igualmente rizomático e que seria próprio da personagem.

Dessa maneira, conforme estamos assinalando a partir de uma análise das ações de Scherezade, a protagonista do romance vai se constituindo como uma personagem insubordinada. Essa natureza vai atingir o ápice quando ela fica sabendo do decreto instaurado pelo Califa e resolve se contrapor a ele, desafiando o pai para salvar da morte as donzelas do reino. Para pôr em prática o plano que objetiva dar fim às ocorrências de mortes, Scherezade efetiva-se como uma mulher subversiva que tem como arma de guerra as narrativas que fabula. Desde então a protagonista trava com o Califa um embate iniciado após as núpcias quando o soberano permite que sua recente esposa lhe conte uma de suas histórias. É por meio delas que Scherezade pretende vencê-lo. A partir daí as vivências de Scherezade, marcadas por uma conduta subversiva, passam a constituir a sua função de contadora de histórias, prática durante a qual assume diferentes papéis, adotando a identificação de alguns dos seus personagens. De tal modo, conta as histórias, permitindo transformar o próprio corpo num território de intensidades contínuas, responsáveis por fazê-la assumir uma diversidade de identificações durante o ato da fabulação, conforme se percebe numa passagem do texto literário:

Scherezade assume alternadamente papéis femininos e masculinos. Sente-se à vontade em descrever o falo e a vulva. As genitálias dos seres não a incomodam. Seu corpo absorve em igual intensidade as proporções de cada qual. Lateja, pulsa, incha, cresce, endurece, segundo a anatomia que representa nos seus relatos. Quando se cansa de ser homem, esquecida do que é ser mulher na corte de Bagdá, sente desprezo por uma humanidade imersa na sujeira e nas falsas ilusões. (PIÑON, 2004, p. 307)

Em seus relatos, Scherezade incorpora traços de diferentes personagens, oscilando, como se demonstra na citação, entre o biotipo masculino e o feminino. Dessa maneira, ela se metamorfoseia segundo as necessidades da narrativa e da sua própria existência ficcional, pois, como está posto, desde os contos das *Mil e uma noites*, a contadora sobrevive a partir das façanhas por ela criadas, torna-se um ser diferente a cada momento, por isso povoa as suas histórias com personagens fabulosos, e ainda encarna seus caracteres, para assim tornar-se parte constituinte de uma performance que visa lhe poupar a vida. Este aspecto de transmutação da protagonista pode ser associado ao que discutem os filósofos franceses, quando discorrem sobre a capacidade dos rizomas se metamorfosearem, mudarem de natureza constantemente:

[...] o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. [...] (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 43).

Consoante ao que discutem os estudiosos, a protagonista de *Vozes do deserto* transmuta-se a todo instante. Sobretudo, ela potencializa um nomadismo identitário que ocorre como consequência de sua performance narrativa, exercendo a função de contadora de histórias, quando incorpora traços característicos dos seres fictícios que fazem parte das tramas que ela inventa, com a finalidade de salvar a própria vida e a das donzelas de Bagdá. Examinando a condição do gênero feminino dentro de um contexto social que caracteriza a comunidade árabe em pleno século X, é possível perceber que Scherezade não se conforma a um modelo arquetípico de mulher, transcendendo os preceitos ditados pelas instituições de sua época, constituindo-se, portanto, por uma singularização rizomática, um indivíduo que resiste à força opressora representada pelo Califa e o decreto de morte que pesa sobre as donzelas do reino.

É importante que o leitor, analisando a performance da personagem a partir de sua função de contadora de histórias, possa entender melhor sua constituição identitária. Isso porque existe entre a protagonista e as histórias que ela inventa uma relação simbiótica, em que uma sobrevive a partir da outra. Para escapar da morte e executar seu plano de enfrentamento ao Califa, Scherezade recorre ao mundo de uma imaginação rizomática,

criando relatos intermináveis, os quais suspende, apenas por alguns instantes do dia, com a finalidade de atrair a expectativa dos seus ouvintes, tornando-os reféns de sua fabulação. Afim de ilustrar a íntima relação entre Scherezade e suas histórias, o texto literário revela-nos:

Quando se pergunta por que narra, hesita na resposta e não lhe importa. Sabe apenas, até o momento, que narra com o intuito de afugentar a sombra das futuras vítimas do vingativo Califa projetada na plataforma, onde o cadafalso destaca-se, imponente. (PIÑON, 2004, p. 233)

Partindo dessa constatação, vemos que a contadora mantém uma íntima relação com os enredos, é possível notar que ela narra pela necessidade de efetivar seu plano heroico, mas também por uma espécie de fator natural, como se contar histórias fosse algo inerente a ela, e não lhe interessasse saber o porquê de enveredar-se diariamente pelos caminhos da fabulação. Ainda sobre a importância do ato de narrar no romance, Dinazarda, irmã de Scherezade, também reconhece o poder das narrativas que a irmã inventa perante a força opressora do Califa: “[...] Mais que tudo, conta com o caráter encantatório das histórias da irmã para dobrar o coração insensível do Califa e subverter as suas noções punitivas”. (PIÑON, 2004, p. 213). O que desponta no embate entre o personagem da princesa e do soberano de Bagdá é aquilo que numa compreensão deleuze-guattariana pode ser entendido a partir das noções de poder e potência. Os filósofos franceses entendem o poder como aquilo que impede o indivíduo de se constituir como sujeito de sua própria história. Nesse sentido, o poder se realiza tolhendo a liberdade do outro, a sua capacidade de se efetivar, tal qual ocorre pelo decreto de morte instituído pelo Califa. Numa perspectiva contrária, a ideia de potência deve ser entendida como aquilo que liberta, que, no contexto da narrativa, possibilita a Scherezade provocar uma ruptura com os estigmas sociais que constituem a identidade feminina. A potência vem à tona por meio de uma fabulação capaz de desterritorializar o soberano de Bagdá de um lugar de autoritarismo, subvertendo ‘as suas noções punitivas’.

Considerando a performance de contadora de histórias, e a partir das ações da personagem ao longo da narrativa, é possível associar a identificação de Scherezade às características do rizoma no que tange ao 3º princípio proposto por Deleuze e Guattari, denominado de princípio da multiplicidade, o qual propõe que:

[...] é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. [...] Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p.16).

O princípio da multiplicidade é um dos que mais se aproxima da identificação da Scherezade. A mulher subversiva que conhecemos é a consequência do acúmulo de experiências guardadas desde a infância. Associando o pensamento dos estudiosos ao comportamento e à subjetivação da personagem, podemos compreender que a sua conduta ao longo do romance está permeada por uma multiplicidade, que emerge como resultado de sua formação quando na infância seu pai disponibiliza “[...] mestres em medicina, filosofia, história, arte e religião que despertaram a atenção de Scherezade para aspectos sagrados e profanos [...]”. (PIÑON, 2004, p.07). A esse conhecimento recebido dos mestres, ela agrega aqueles de origem popular, adquiridos na sua convivência com Fátima, sua primeira professora na arte da sabedoria vinda do povo humilde, que circulava no mercado, nas praças e nos arredores de Bagdá. Esses dois saberes são problematizados pela filosofia de Deleuze e Guattari a partir das noções de uma ciência régia, que seria aquela institucionalizada e que chegaria à personagem pela educação recebida dos mestres; e por uma ciência nômade, que seria proveniente do contato que ela estabelece com o povo. Com isso Scherezade pode ser entendida como uma personagem múltipla, pois ela não é uma, mas sim várias, nela coexistem seres diversos, saberes distintos, condutas diferenciadas.

O caráter múltiplo relacionado à identificação da jovem pode também ser visto quando transita entre o *status* de princesa, obtido pelo fato de ser filha do Vizir, ao papel de jovem aventureira que perambula pelo mercado de Bagdá e até de heroína que se sacrifica pela vida das jovens do reino condenadas à morte. Scherezade é por si mesma múltipla, a multiplicidade nela está presente desde a origem e descendência, conforme mostra o romance:

A partir desta sucessão de visitas ao mercado, Scherezade descobria que, a despeito de sua nobreza, ela emergira do povo agrupado nos labirintos de Bagdá. Tinha em mente tal genealogia a fim de não perder de vista as histórias que começava a agrupar. Não registrava, definitivamente, distância entre a sua grei e a gente andarilha e anônima que lhe ia povoando o espírito. Todos a compraziam, exibindo em sua carnalidade igual dose de delírio. (PIÑON, 2004, p. 250)

A multiplicidade se manifesta na personagem como resultado da quebra de hierarquias 'entre a sua grei e a gente andarilha e anônima que ia lhe povoando o espírito'. É também algo que constitui a essência e o conteúdo das histórias contadas por ela, nas quais se vale tanto dos aspectos oriundos da grei dos abássidas orientais, fazendo reviver personagens marcantes na história dos sultões; como reavivando personagens advindos das fábulas populares, como Simbad, ZONEIDA e outros. Os enredos são repletos de seres distintos, todos são matéria indispensável para que Scherezade possa constituir seus enredos e encantar seus ouvintes.

Segundo Deleuze e Guattari (2011), "As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras". (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 25). Semelhante a isso, Scherezade apresenta uma arte múltipla ao criar enredos através dos quais ela consegue sair, mesmo que seja apenas por meio do pensamento, do ambiente em que vive enclausurada, ou seja, através dos agenciamentos entre uma história e outra, entre os diversos cenários recriados, ela consegue desterritorializar o seu pensamento, bem como o dos seus ouvintes Dinazarda, Jasmine e o próprio Califa, que sonham em viver as aventuras enredadas em suas fábulas. No caso específico do Califa, o leitor atento observará como, entretido pelo universo da imaginação, ele vai se desterritorializando, por instantes, das suas funções de chefe de Estado.

Dessa maneira, podemos dizer que a multiplicidade em Scherezade é traduzida primeiramente pela sua experiência de vida, pelas ações que protagoniza durante a narrativa e, por conseguinte, pelo caráter das histórias por ela criadas, sempre intermináveis, conforme está assinalado no texto literário:

Sempre contava histórias de forma ininterrupta. Sua índole obsessiva, que não arrefecia, roubava o sono de Fátima a pretexto de acrescentar o que ficara faltando na véspera. Uma inclinação que não lhe dá trégua, mas

sustenta-lhe a coragem. Pois obriga-a a inventar um palco sobre o qual seus personagens, nascidos da ilusão, pisam firmes". (PIÑON, 2004, p. 255-256).

Seus enredos são, assim, semelhantes à sua identidade, inconclusa e em constante processo de mudança. Na sua função de contadora de histórias, Scherezade alterna-se diariamente. Essa alternância se traduz pela sua personalidade, sua fisionomia, quando assimila traços dos rostos e do comportamento dos personagens, mas é perceptível sobretudo por meio de seus relatos, os quais têm como pano de fundo lugares distintos, por exemplo, o popular mercado de Bagdá, os palácios onde vivem/viveram os sultões com suas famílias, o deserto com todos os seus encantos e mistérios.

O Califa: subjetivação arbórea

Em contraposição à multiplicidade representada pela identificação da protagonista, desponta em *Vozes do Deserto* a figura do Califa, do Soberano que, como o próprio substantivo que o cognomina na narrativa pré-estabelece, não se trata de um ser qualquer, é um homem de grande influência que pertence a Grei dos Abássidas, uma origem que deixa suas marcas não só no tratamento proposto pelo nome "Califa" ou "Soberano", mas no próprio modo de vida da personagem que por sua vez é bastante rígido, fechado, sério, resistente às mudanças, enfim, com uma identidade que se opõe claramente a da Scherezade.

Em várias passagens da narrativa é possível observar a "mirada" séria do Califa, seu comportamento fechado o qual podemos associar à imagem da árvore/raiz que nas discussões dos filósofos franceses se contrapõe, em parte, ao rizoma: "Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas". (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 24). Enquanto a identidade da Scherezade pode ser vista como rizomática, múltipla, repleta de linhas de fuga²; a do Califa é estática como a imagem da árvore-raiz que, segundo os filósofos, sugere a ideia de algo fixo, imóvel, avesso à alterações. Podemos notar esse aspecto nas atitudes do Soberano:

² Linhas de fuga segundo Deleuze e Guattari são os meios pelos quais o rizoma faz suas conexões com os outros pontos do rizoma. Associadas a identidade da personagem Scherezade, essas linhas de fuga são os meios pelos quais ela age diariamente, elaborando seus enredos.

Tem lhe sido útil conviver com o Califa, que fizera da política de dissimulação um alforje, uma espada, uma adaga. Absorve o seu silêncio, as irradiações da mirada cruel, raramente alterada pela ternura, a fazer um juízo do mundo. Para abrandar o soberano, removê-lo do centro do seu império interior, serão necessários anos de empenho, de uma batalha quase inútil". (PIÑON, 2004, p. 255)

A subjetivação do Califa é representada pelo comportamento de um homem da política, que precisa atender a certas convenções. Há nele uma ausência de sentimentos, as relações que estabelece com as pessoas a sua volta são regadas pela seriedade de sua personalidade, desde o tratamento dado aos escravos, como também na relação que tem com Scherezade. Mesmo que a trate com respeito, é notável um tom de frieza entre eles. O texto literário mostra que:

O Califa, impedido de alimentar qualquer sentimento amoroso, não pronuncia o nome de Scherezade. Hábito que estendia a todas as favoritas, tratando-as, assim, como se elas fizessem parte de uma entidade incorpórea, da qual devia eludir-se". (PIÑON, 2004, p. 193).

Há na identificação do Califa a emergência de um poder oriundo da sua grei, o qual se caracteriza pelo desejo de opressão, pelo aprisionamento do outro, representado, no caso na narrativa em questão, pelos súditos, as esposas, inclusive a própria Scherezade. Como mencionado anteriormente, é possível estabelecer pela análise do comportamento da personagem uma distinção entre poder e potência. Na condição de representante do primeiro, o Califa é uma personagem fixa a uma realidade estável, diferentemente da Scherezade que se constitui por um espírito livre das convenções, simbolizando uma potência manifestada na sua conduta de mulher transgressora e na sua imaginação criativa. Podemos notar a potência da Scherezade e a figura despotencializada do Califa nos trechos em que, aos poucos, ela exerce influência sobre ele, como na passagem a seguir, momento em que, após o coito, o Califa permite que a esposa dê continuidade à narrativa:

Assim, após fornicar com Scherezade, ele atende a graça requerida, da jovem avançar pela história inconclusa. Sem suspeitar de que mediante tal concessão privava-o da atenção de seus súditos. Cedia-lhe, involuntariamente, a máquina de fabricar sonhos, admitia de público que

qualquer história, pronunciada com liturgia solene, salva a quem seja da visão do cadafalso. E pior ainda, corria o risco de passar às mãos da jovem um poder em franca disputa com o seu. (PIÑON, 2004, p. 28)

O trecho apresentado é bastante revelador no que diz respeito à ideia de potência postulada por Deleuze e Guattari (2011). A passagem mostra que o Califa, mesmo que inconscientemente, dá liberdade para que Scherezade possa manifestar sua força através dos seguintes meios: 1- Quando consegue manter o soberano no quarto após exercer suas obrigações matrimoniais, pois ele anseia ouvir o desfecho da narrativa interrompida na manhã anterior; 2 – Quando consegue suspender o decreto de morte instituído pelo monarca, tendo como arma de guerra os relatos que inventa; 3 - e principalmente porque ao permitir tais privilégios o Califa não se dá conta de que Scherezade está desterritorializando-o de um lugar de autoridade. Reforçamos esse pensamento com outra passagem da narrativa:

Após cada cópula, Scherezade apruma-se, demonstrando-lhe o encanto que os miseráveis exercem sobre a imaginação. O que podem fazer seus cortesãos que os vagabundos de Bagdá já não tenham praticado nas vielas ou em perambulações pelo deserto. Com voz de flauta e de alaúde, ela cultua volutas verbais que desestabilizam a realidade sobre a qual o Califa governa. (PIÑON, 2004, p. 28)

Vemos na passagem supracitada como a imaginação de Scherezade representa uma forma de potência por meio da qual ela desestabiliza a realidade do governante, fazendo com que seu poder de monarca seja pouco a pouco colocado em questão. É nessa feita que Scherezade vai dia após dia alcançado o seu objetivo, sem o uso da força física ou de qualquer recurso institucional, como no caso do decreto do Califa, mas por uma potência que se materializa nos seus enredos.

Analisando o comportamento do Califa ao longo da narrativa, é possível continuar pensando numa associação com a ideia da árvore-raiz, consoante desenvolvida nos estudos de Deleuze e Guattari (2011) quando estes mencionam que: “[...] Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e de subjetivação, autômatos centrais com memórias organizadas”. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 36). Nesse raciocínio, a significância e a subjetivação que podem ser atribuídas ao Califa traduzem

a imagem de um sujeito que se comporta normalmente a partir das hierarquias instituídas, mesmo na intimidade, como se revela nos momentos de cópula sempre caracterizados por uma seriedade, por uma padronização de suas condutas no trato com a parceira, uma mecanização que dispensa qualquer tipo de sentimento: “Ao chegar perto de Scherezade, que se encosta nas almofadas do leito, ele não transparece emoção, estende-se ao seu lado dispensando volteios. E, sem aviso, começa as lides sexuais”. (PIÑON, 2004, p.15). Esse distanciamento entre o homem e a mulher, Califa e Scherezade, é mostrado também na descrição dos atos sexuais, os quais aparecem regidos por muita frieza, permeados de artifícios teatrais, uma espécie de farsa:

O amor é teatral, intui Scherezade, que à mercê do Califa, jamais se apaixonou. O espetáculo amoroso, como o concebe agora, junto ao leito do Califa, requer ilusão, artifício, máscaras coladas ao rosto dos amantes enquanto copulam. E que, modeladas com cera, derretem e renovam-se durante a noite, à medida que eles subtraem e acrescentam gestões e palavras ao convívio. (PIÑON, 2004, p. 191)

Percebemos que as sensações provenientes do ato sexual são por Scherezade encenadas e pelo Califa aceitas. O homem, nessa feita, mostra-se conivente com a forma com que a mulher finge o prazer. Ele age friamente, com gestos próprios de sua natureza, como fica claro pelo uso que o narrador faz da palavra cópula, propositadamente usada com o objetivo de demarcar uma união sem sentimentos, sem a presença do amor. Esse tipo de relação pode ser percebido em outras passagens do texto, em que:

Indica a Scherezade que se deite e, sem se despir ou retirar o falo escondido nas vestimentas, cobre-a com o corpo. Seus gestos, simulando uma cópula ativa, provam estar ele disposto a viver em regime de farsa em troca das compensações habituais [...]. (PIÑON, 2004, p. 332).

Consoante vamos assinalando, a frieza com que o Califa trata as pessoas, sobretudo a esposa, permiti-nos aproximar a conjectura de sua identidade não com a imagem do rizoma, mas com a da árvore-raiz, pois o rizoma, segundo os filósofos: [...]. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem [...]”. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 22). Conforme vamos percebendo pela leitura do texto literário, o soberano não pretende

conquistar o amor da jovem esposa, mas sim deitar-se com ela noite após noite, logo em seguida ouvir o desenrolar de mais uma história e contar diariamente com a discrição de Scherezade em relação ao casamento de farsa que mantém com ela. Dessa maneira, ele revela-se cada vez mais como um homem de personalidade fria, fixa e imutável, aspectos esses que despotencializam sua identidade, distanciando-a da conjectura do rizoma e aproximando-a da árvore-raiz.

Diante da posição social e política do Califa, espera-se dele uma postura exemplar, o cumprimento das leis e decretos por ele estabelecidos são um bom exemplo de como o soberano precisa cumprir à risca aquilo que determina diante de seu povo. O que vemos durante boa parte da narrativa é não só um embate de gênero entre os protagonistas, mas também um duelo interno do próprio soberano, que tenta ser fiel ao decreto estabelecido, mas sente-se imensamente influenciado pelo poder narrativo da contadora de histórias. Ao raiar de cada manhã, o Califa deixa o carrasco ansioso pela ordem de decapitar Scherezade, porém enfrenta seus próprios ideais e deixa-a viver mais um dia. O trecho que segue mostra-nos essa luta interior da personagem:

Não lhe é fácil contrariar o desígnio que traçou em seguida à traição da Sultana. Dói ao Califa desrespeitar a sentença de morte que paira sobre a jovem, e que tem como origem uma proclamação divulgada por todo reino, cujo caráter sinistro aterroriza, ainda hoje, os pais de qualquer donzela sob risco de imolação pública. (PIÑON, 2004, p. 236)

Notamos que por se tratar de um homem de identificação bastante fixa, que atua em uma alta posição política, torna-se constrangedor para ele retroceder a uma decisão tomada diante de todo o califado. Conforme mostra o trecho assinalado, “Dói ao Califa” suspender um decreto de morte que é motivo de sofrimento ao povo de Bagdá, mas que para ele aparece como motivo de vingança, realizada na sua decisão de lavar com sangue a própria honra, por isso tornava-se tão “doloroso”, a cada amanhecer, adiar a execução da sua esposa.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, discutimos sobre a construção identitária dos protagonistas do romance *Vozes do Deserto* (2004), dialogando com as noções filosóficas que remetem à

imagem da árvore-raiz e rizoma, propostas por Deleuze e Guattari (2011). No desenrolar da discussão, foi possível perceber que a subjetivação da personagem Scherezade pode ser pensada numa associação com o primeiro princípio do rizoma, o de conexão e heterogeneidade, isso porque, ao longo da narrativa, ela rompe com o sistema dominante, investindo em agenciamentos com possibilidades de conexões diversas, a partir das quais torna-se um sujeito desdobrável, não fixado, mas fluído. Ao apresentar, desde a fase da infância, uma conduta transgressora dos estereótipos por meio dos quais a mulher árabe é retratada, a protagonista do romance vai se constituindo como uma personagem insubordinada. Tal natureza vai atingir o ápice quando ela fica sabendo do decreto instaurado pelo Califa e resolve se contrapor a ele, desafiando o pai para salvar da morte as donzelas do reino.

Também foi possível associar a performance da contadora de histórias e suas ações ao 3º princípio do rizoma proposto por Deleuze e Guattari, denominado de princípio da multiplicidade. O aspecto múltiplo aparece representado na própria constituição da personagem, bem como no conteúdo das histórias contadas, que também é múltiplo, vasto. Os muitos saberes que permeiam sua identidade, oriundos de duas vias, uma ciência sistematizada e outra popular, tornam Scherezade uma personagem plural, pois ela não é una, mas sim várias, nela coexistem seres diversos, saberes distintos, condutas diferenciadas. Todos esses aspectos foram elencados através da performance errante da personagem ao longo do texto. Então, percebemos que a multiplicidade em Scherezade é traduzida primeiramente pela sua experiência de vida, pelas ações que protagoniza durante a narrativa e, por conseguinte, pelo caráter das histórias por ela criadas, sempre intermináveis.

Quanto à subjetivação do Califa, foi possível ver que, enquanto a identidade da Scherezade pode ser vista como rizomática, múltipla, repleta de linhas de fuga; a do Califa é estática como a imagem da árvore-raiz que, segundo Deleuze e Guattari (2011), sugere a ideia de algo fixo, imóvel, avesso às alterações. Esses aspectos foram notados, sobretudo, no comportamento enquanto homem da política, que precisa atender a certas convenções sociais, na ausência de sentimentos, nas relações que estabelece com as pessoas a sua volta, no tratamento dado aos escravos, nos momentos de cópula sempre caracterizados por uma frieza, por uma padronização de suas condutas no trato com a parceira, uma mecanização que dispensa qualquer tipo de sentimento.

Dessa maneira, foi possível destacar que a posição social e política do Califa exige dele uma postura exemplar, o cumprimento das leis e decretos por ele estabelecidos são um bom exemplo de como o soberano precisa cumprir à risca aquilo que determina diante de seu povo. Por esses motivos, sua identidade pode ser lida a partir de uma associação com a imagem da árvore-raiz.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

PIÑON, Nélida. **Vozes do Deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ⁱ Pós-doutor pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é professor permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

ⁱⁱ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduada em letras/português pela mesma instituição.